

O SAGRADO NOS CONTOS *AS TRÊS IRMÃS* E *A SAIA* *ALMARROTADA* DE MIA COUTO

Anderlane Fernandes de Lima ¹

RESUMO

Este trabalho busca analisar os contos *As três irmãs* e *A saia almarrotada* do escritor moçambicano Mia Couto a partir da compreensão do sagrado sobre a perspectiva daquilo que detém poder sobre outrem, daquilo que dita as normas e proibições e tudo que se levanta contra ele é condenado, é manifestação do diabo. Nesse sentido, analisaremos o patriarcalismo como uma representação do sagrado na cultura de Moçambique retratada nos contos acima mencionados observando a presença de expressões religiosas, tais como Deus, diabo, obediência, tentações, céu em um contexto claramente de opressão e como essas expressões deixam transparecer a aprovação do sistema patriarcal por parte da religião. Dessa forma, nos dispomos a fazer uma análise dos contos a partir da compreensão de que os métodos de constituição e compreensão do que é ou não sagrado está umbilicalmente ligados aos acontecimentos e manifestações sociais.

Palavras-chaves: Deus, sagrado, patriarcalismo, diabo.

INTRODUÇÃO

Neste estudo, buscaremos debater acerca das representações do sagrado nos contos *As três irmãs* e *A saia almarrotada* ambos presentes no livro *O fio das missangas* do escritor moçambicano Mia Couto. Para tanto, faz-se necessário refletir sobre o que vem a ser sagrado, em seguida, traçaremos um paralelo entre a visão do sagrado para o colonizador e as marcas desse sagrado no pós-colonialismo. Seguiremos apresentando os contos em análise para que possamos contextualizar os aspectos que serão mais profundamente observados. Finalmente, refletiremos sobre as representações do sagrado presentes nos contos mencionados.

No século XVI inicia-se o processo de colonização do continente africano após Vasco da Gama, liderando algumas embarcações, atracar ao sul de Moçambique no ano de 1498, homens brancos buscando encontrar a rota do Oriente se depararam com várias regiões africanas que até então tinham pouca relação com os outros continentes. Até o século XVIII,

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual - PB, anderlane.lima@aluno.uepb.edu.br

Moçambique, Cidade do Cabo e África do Sul foram exploradas e colonizadas, tiveram a sua cultura, religião e língua anuladas pelas impostas pelos colonizadores europeus enquanto serviam de polos para viagens entre a Europa e Ásia.

Nos diversos processos de colonização, é bem comum observar como a religião foi utilizada para manipular, disciplinar e impor sobre o colonizado a cultura do colonizador ao ponto de deixar grandes marcas no período pós-colonial. O avanço do cristianismo era sinônimo do avanço do progresso, da civilização, a religião era um fator ideológico indispensável, e era a indicação da superioridade do colonizador sobre o colonizado, assim, o que era sagrado para o colonizador também tinha que ser para o colonizado.

É de comum acordo que o sagrado é o elemento central inerente a todas as religiões, contudo é importante perceber que ele vai além das próprias religiões, o sagrado é aquilo que insistentemente sobrevive em meio ao ataque da crítica. Não é, necessariamente, o religioso, é aquilo que nos toca profundamente, que se eterniza não apenas pela ressurreição e vida eterna, mas também através da memória mantida no coletivo.

O sagrado pode ou não estar relacionado ao divino, vai além da compreensão humana, requer total entrega, estabelece normas e proibições, desperta a violência diante do não cumprimento de suas imposições, o sagrado é capaz de revelar a verdadeira identidade de uma pessoa, levando-a, inclusive, a renunciar suas próprias vontades e interesses. Neste sentido, o que é sagrado para um pode não ser para o outro e essa discordância pode gerar violência até que um imponha sobre o outro o que lhe é sagrado.

Na relação entre colonizado e colonizador, Gilberto Freyre (2002) afirma que os colonos não compreendiam as possíveis consequências da relação entre colonos e europeus, dessa forma, eram passivos, tolerantes e submissos. Mesmo diante de uma aparente cordialidade entre os nativos e os europeus, aqueles eram constantes vítimas de violência, sobretudo as mulheres, vítimas de toda sorte de abusos desde o início da colonização, abusos estes que se estendem até os dias de hoje.

Entendendo que o sagrado é aquilo a quem se obedece de forma incondicional, exercendo poder sobre o ser humano, observamos que o patriarcalismo é uma forma de representação do sagrado na cultura moçambicana, haja vista que todo abuso e imposição decorrentes deste sistema são reais e inquestionáveis até mesmo para aquelas que são as vítimas de toda opressão. Silenciar, obedecer, não questionar, se anular são marcas da condição feminina dentro do sistema patriarcal, um sistema que está acima de tudo, que detém o conhecimento, a voz, o poder, aprovado pela religião equipara-se ao próprio Deus.

Os contos

Mia Couto em *As três irmãs* nos apresenta a história de três mulheres criadas isoladas pelo pai viúvo. Gilda, Flornela e Evelina, vivem a vida que o pai, Rosaldo, “semeara nelas” (Couto, 2009, p.9), cada menina tinha uma responsabilidade, Gilda é a que faz versos, Flornela responsável pela comida e Evelina, a bordadeira. Meninas criadas sem vaidade, sem amores, sem voz, meninas tristes, que vivem isoladas do mundo sem nunca terem vivido o amor, mas que se enchem de esperança diante da presença inesperada de um “formoso jovem”, que deixa as três polvorosas, que as faz sentir-se viva, despertando a vaidade, o desejo, o sonho, mas que logo recebe “o olhar toldado do pai”. O conto se encerra de forma surpreendente com o beijo entre Rosaldo e o jovem, como se não bastasse ter roubado e encarcerado toda a vida das suas três filhas, Rosaldo também lhes rouba o único fio de esperança que lhes surge. Diante dessa cena as irmãs se unem em vingança e o desfecho no leva a entender que elas matam o formoso jovem e o pai, matam aquele que faz reviver a esperança e aquele que as privou de viver.

Em *A saia almarrotada*, nos deparamos com uma mulher que faz uso de um monólogo para expressar o seu interior, uma mulher que lamenta pelo que viveu e pelo que deixou de viver, uma mulher que “Mais que o dia seguinte, esperava pela vida seguinte” (Couto, 2009, p. 20). Uma jovem órfã de mãe, criada pelo pai e pelo tio em uma casa onde ela era a única mulher, a “única menina entre a filharada” marginalizada e excluída do próprio grupo social. Miúda, forma como essa jovem era chamada, durante todo o conto se compara as outras mulheres da vila, as outras mulheres eram belas, sonhavam, cantavam, enquanto Miúda se trancava, se “apurava invisível”. Submissa, passiva, silenciada, Miúda sonhava com a chegada de um homem que lhe desse um nome, um “aprincesado”. No próprio título do conto já é possível depreender como a figura feminina é retratada, a começar pelo termo ‘saia’ que se refere a uma vestimenta reconhecidamente feminina, enquanto ‘almarrotada’ nos alude às palavras ‘alma’ e ‘amarrotada’ e por ‘amarrotada’ compreende-se machucada. Assim, vemos que essa reflexão sobre almarrotada, nos conduz a compreender a conotação dessa expressão, no sentido de alma machucada, características destinadas à ‘saia’ que por sua vez remete ao retrato da mulher vítima do sistema patriarcal.

Diante das representações do patriarcado na família, Miúda, em um momento de desânimo, ao invés de, conforme ordenara o pai, colocar fogo no vestido que havia, secretamente, ganhado do próprio tio, coloca fogo em si mesma. Apenas no final do conto, se

descrevendo como alguém que tem “mais rugas que pregas tem o vestido” decide tocar fogo no vestido, obedecendo e sujeitando-se à ordem dada pelo pai, mesmo este já falecido e sendo tal ordem contrária a sua vontade. Em *A saia almarrotada*, nos deparamos com uma personagem que parece não mudar no decorrer da história, mas que, de repente, busca romper mesmo com a voz do opressor a ressoar em seus ouvidos.

As três irmãs e *A saia almarrotada* agem como uma denúncia da condição feminina, uma denúncia contra toda a forma de exploração e opressão que colocam a mulher à margem de tudo, excluídas até mesmo do seus próprios grupos sociais. Os contos nos permitem mergulhar nas almas silenciadas e destinadas ao esquecimento devido a constante repressão por parte daqueles vistos pela sociedade como os detentores da voz, do saber e do poder.

A análise

Por meio do patriarcado, podemos observar que não é apenas no espaço familiar que nos deparamos com o homem exercendo poder sobre a mulher, esse sistema de dominação no qual a mulher é subordinada pode ser observado na mídia, nos ambientes de trabalho, na esfera política, um sistema de dominação que é visto com naturalidade por homens e mulheres e que, de forma geral, já faz parte inclusive da dinâmica de uma sociedade, sobretudo a sociedade moçambicana, o homem e mulher de forma individual ou coletiva já internalizaram inconscientemente essa forma de violência.

Nos dois contos aqui analisados, *As três irmãs* e *A saia almarrotada*, as representações do patriarcalismo acontecem em um ambiente familiar através da figura do pai, era ele quem ordenava e proibia, era ele a quem miúda ‘cegava em obediência’, era a ele que com um olhar toldado condenava e regulava as ações de Gilda, Flornela e Evelina e, ao que os contos deixam transparecer, esse patriarcalismo era o retrato da religião, pois na fala da miúda observa-se que ela encontra nesse pai opressor a figura de Deus: “Chega-me ainda a voz de meu velho pai como se ele estivesse vivo. Era essa voz que fazia Deus existir...” (Couto, 2009 p.31) por essa fala, observa-se que a personagem feminina tem na figura do pai a visão de Deus, aquele que tudo pode, a quem cabe-nos apenas obedecer.

Lemos (2003) afirma que há uma relação entre patriarcado e religião, haja vista a formação do sistema patriarcal está vinculada aos princípios religiosos que marcam a prática judaico-cristã.

Por apresentar e manifestar costumes e hábitos de um grupo, a religião dialoga com o patriarcado, funcionando até como um ponto de estruturação deste, pois a religião em sua

essência organiza-se formalmente de acordo com princípios patriarcais, basta observarmos a forma como se deu a estruturação teológica ao longo dos anos no que se refere ao seu posicionamento quanto ao espaço e função do homem e da mulher nas conexões sociais e religiosas. Patriarcado e religião nos apresentam uma relação mútua e antiga, comungam dos mesmos pensamentos quanto ao lugar do masculino e feminino na sociedade, há entre eles, uma relação tão estreita que chegam a se confundirem e, em alguns momentos, torna-se difícil serem dissociadas. Importante ressaltar que o sistema patriarcal é uma organização forte e dominadora que se faz presente nas famílias, nas ruas e também nas igrejas.

O fato de ser na voz do pai opressor, ainda que seja uma voz presente apenas em suas memórias, que Miúda reflete sobre a existência de Deus nos faz questionar sobre qual a visão que essa mulher tem de Deus, se, na visão dela, o pai reflete a figura de Deus, então Deus também é opressor e capaz de lhe oferecer apenas migalhas, não haveria, portanto uma visão de amor e cuidado que comumente temos de Deus, apenas de obediência e sujeição.

Dessa forma, conseguimos perceber que o sagrado não é uma invenção e podemos refletir que a sua criação está relacionada à reprodução de algo que é concreto, real e que se mostra de forma única a cada ser ao mesmo tempo que interage com o coletivo, o sagrado é a representação individual da força objetivando o bem coletivo. Nesse sentido, Weiss (2013) afirma que:

“O sagrado é a forma com que os indivíduos representam essas forças que resultam da própria interação, é um modo de pensar e se relacionar com a vida coletiva que, tão logo é representada, figura como elemento estranho porque, conquanto cada indivíduo seja parte dessa coletividade, esta se torna, pelo fato básico da interação, uma realidade qualitativamente diferente: é a interação que cria uma "força psíquica", e é essa força que se percebe como o sagrado. O momento seguinte é o processo mediante o qual esse atributo se estende a coisas e pessoas particulares, que passam a ser um sagrado mais concreto, mais palpável, mais evidente: assim são os grandes heróis, os deuses, os grandes líderes, os santos, os sacerdotes, e outros. Mas desta forma também são os símbolos, como o totem, o Santo Graal, o bastão de um feiticeiro na tribo, a Bíblia, o Corão, a Torá, e assim também são, e é isso o que nos importa, as ideias.” (Weiss, 2013 p.170)

Outra fala de miúda passível de análise no que se refere à finalidade desse estudo é: “Sempre ceguei em obediência, enxotando tentações que piri-pirilampejavam a minha meninice” (Couto, 2009 p.32). A tentação e o pecar estão intrinsicamente relacionados, o pecar vem pelo não resistir às tentações e são sempre associadas ao diabo. Assim como fazemos diante de Deus, Miúda repele as tentações diante das ordens do seu deus, o pai, nos levando a refletir sobre a constante luta do ser humano, entre viver na obediência ou na transgressão, ela cegava em obediência, submissa, anulava-se e vivia a vida que lhe determinavam.

Os diversos credos, em geral, são maneiras de expressar as diferentes ideias e valores sobre algo, o credo é o componente essencial da religiosidade, é imprescindível, não há de falar em religião se não houver credo, crença e através desses elementos tem-se a divisão entre sagrado e profano.

A crença é um elemento básico do fenômeno religioso, e aquilo que há de mais fundamental nela é a divisão entre todas as coisas como sagradas ou profanas, Weiss (2013) no diz que “a crença fundamental não é a existência de um deus, de vida eterna ou qualquer outra coisa, mas é uma representação a respeito do caráter dual do mundo, de modo que tudo aquilo que constitui objeto de adoração é sempre algo sagrado”. (Weiss, 2013 p. 162)

Assim, observamos que a religião é definida pelo sagrado e não o contrário, pois em toda e qualquer religião nos deparamos com valores e crenças que organizam o mundo a partir de uma visão particular do que vem a ser sagrado e o que vem a ser profano ao ponto de percebermos que a visão do sagrado como algo inatingível, superior e imortal não tem relação com religião alguma, ou seja, esta existe e é determinada a partir do sagrado, a recíproca, no entanto, não é verdadeira. Obedecer e fugir das tentações como fazia Miúda tinha relação com a visão particular dela do que vinha a ser sagrado, uma visão construída por meio do que era moralmente aceito pela coletividade.

Outro aspecto interessante analisado no conto *A saia almarrotada*, diz respeito ao transgredir aquilo que é visto como sagrado, o não obedecer ao que o sagrado determina é ouvir a voz do diabo, afinal, as determinações daquilo que é visto como sagrado, são inquestionáveis. E Miúda, de forma surpreendente, haja vista seu constante estado de sujeição, desobedece, infringe, transgredir. “Não cumpri. Guiaram-me os mandos do diabo e, numa cova, ocultei esse enfeitado enfeito” (Couto, 2009 p.32). Importante observar que o ato de desobediência não reflete o discordar da ordem recebida, muito menos gera uma reflexão quanto à causa geradora da desobediência, o ato de rebeldia é visto simplesmente como “os mandos do diabo” afinal não há, para a religião, transgressor maior do que o diabo, e não tendo coragem para expressar sua opinião, cabe-nos atribuir a ele qualquer ato de insubordinação.

Se de um lado temos o sagrado representado através da figura do pai, do outro temos o seu oposto representado pela desobediência, Durkheim diz que: “os dois polos da vida religiosa correspondem aos dois estados opostos pelos quais passa toda a vida social” (Durkheim 1968, p.580), nesse sentido, o sagrado estaria relacionado ao bem coletivo, enquanto a sua oposição é vista como uma busca por interesses individuais, nos fazendo pensar até num posicionamento egoísta, uma vez que posicionar-se diante de algo que lhe

oprime no patriarcado é faltar com respeito à vida coletiva, no patriarcado assim como no sagrado o inquestionável revela-se como perturbador e constrangedor, impondo muitas vezes de forma coercitiva as suas vontades, na desculpa de buscar o bem e as representações do coletivo, ambos silenciam os que deles divergem.

Oliveira (2012) fala que qualquer tipo de representação, seja ela religiosa ou não, são, na verdade, modos de expressão do pensamento coletivo. No conto, Miúda é a única mulher da casa e foi criada para que pudesse cuidar dos homens da casa, se rebelar contra o seu papel seria de muito egoísmo, afinal o coletivo seria prejudicado, irônico e cruel tal qual a referência que Miúda tem de Deus.

No que se refere à oposição sagrado e profano, Ortiz apresenta a seguinte reflexão apoiado em Durkheim:

Mas Durkheim acrescenta: a oposição entre sagrado e profano não apenas distingue as coisas entre si, mas o que se encontra classificado ao lado do sagrado possui um valor superior ao que se associa ao profano. Nesse sentido, direita e esquerda não seriam simplesmente classificações espaciais, elas encerrariam uma escala de valores. A direita nos remete às noções de ordem, alto, centro, masculino, correção; a esquerda, à desordem, baixo, margem, feminino, desvio. Assim, quando algumas sociedades classificam a família e a aldeia como pertencentes ao polo da ordem, do masculino, elas também sugerem que outras dimensões como o imoral, o estrangeiro e o feminino, sejam atributos do polo da desordem. (Ortiz, 2012, p. 24)

No conto *As três irmãs*, o narrador, onisciente e neutro, ao falar sobre Evelina, a filha bordadeira, diz: “Eveline nunca havia olhado o céu, Mas isso não era o pior. - Grave era ela nunca ter sido olhada pelo céu.” (Couto, 2009 p.11) Dessa forma, percebemos que o narrador utiliza da palavra céu como uma metáfora de Deus, em especial na fala: “Grave era ela nunca ter sido olhada pelo céu” deixando transparecer um sentimento de desamparo por parte daquele que poderia ser sua fonte de esperança.

Considerações finais

É certo que os processos de colonização ocorridos nos diversos territórios explorados pelos colonizadores têm características e realidades bem específicas, contudo é inquestionável que esses processos são marcados pela violência e opressão sobre o colonizado. Mesmo assim, tudo o que se referia ao colonizador era visto como referência, como exemplo de civilização, portanto deveria ser copiado, enquanto a cultura, os valores do colonizado eram diminuídas, menosprezadas.

Em Moçambique, essa opressão também foi uma realidade e deixa fortes marcas até hoje, Miúda, Gilda, Evelina e Flornela são exemplos disso, pois não é o colonizador branco

que as oprimem, os opressores são o pai, o tio, pessoas que fazem parte de suas vidas, elas são oprimidas pelos seus, por aqueles que internalizaram a cultura de violência e opressão do colonizador negando, a essas mulheres, o direito à liberdade, à vida no seu sentido mais amplo. Assim como ocorrido no processo de colonização, os opressores da Moçambique atual retratada nos contos estudados não têm interesse e nem levam em consideração os sonhos, desejos e projetos de vida dessas mulheres, elas são mais do que silenciadas, anuladas.

Diante desse contexto, percebemos que o patriarcalismo e a religião são faces de uma mesma moeda, na verdade, o patriarcalismo se fundamenta em valores religiosos o que acaba por validá-lo inclusive nas igrejas. O sistema patriarcal não pode ser questionado, é validado e visto como sagrado uma vez que o mal causado a essas mulheres, assim como o mal causado a Cristo através da crucificação, tem um bem maior em favor do coletivo, portanto é aceitável. Na fala de Weiss, estamos diante de “uma forma de percepção de uma realidade particular que se impõe ao homem como investida de um caráter excepcional”. (Weiss, 2013 p.162)

A cultura, por possuir uma forte herança judaico-cristã, concede ao homem o poder de dominação e coloca a mulher numa posição de exclusão, opressão e silenciamento na sociedade, sendo marginalizada e subjugada.

Nos contos analisados, *As três irmãs* e *A saia almarrotada*, percebemos que o patriarcalismo é sagrado na cultura moçambicana, ele é inquestionável e aceito inclusive por aqueles que são oprimidos por ele, no paralelo com a religião, em *A saia almarrotada* o patriarcalismo revela a face de Deus, é a voz e visão que miúda tem do pai que faz Deus existir e tudo o que demonstra ser contrário a ele, é atribuído ao diabo. No conto *As três irmãs*, Deus é demonstrado como um ser omissivo, que desampara ou ainda que essa omissão é, na verdade, uma demonstração de que a relação entre patriarcalismo e religião é tão real a ponto de ser aprovada por Ele, é nesse sentido, que Durkheim afirma que "do ponto de vista sociológico, a Igreja é um monstro" (Durkheim 1905, p.369).

Da mesma forma que a sociedade dá status de Deus a homens, ela também o faz com coisas e ideias e, ao serem amplamente difundidas e vistas como expressão da vontade e bem coletivo, tornam-se intocáveis e inquestionáveis, portanto, sagrado.

Referências

COUTO, Mia. O fio das missangas. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

DURKHEIM, Emile. 1968. Les formes elementaires de la vie religieuse. Paris: Presses Universitaires de France

_____. 1905. Sur la separation des eglises et de l'Etat [contribuigao a discussao]. Libres Entretiens de LUnion pour la Verite, 1:369-371, 496-500.

FREYRE, G. Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Edição crítica de Guillermo Giucci, Enrique Larreta, Edson Fonseca. Paris: Allca XX, 2002. (Coleção Archivos).

GIL FILHO, Sylvio Fausto. O Sagrado: essência do fenômeno religioso. Diálogo, São Paulo, v. 42, p. 20 - 23, 02 maio 2006.

LEMOS, C. T. religião e Patriarcado: elementos estruturantes das concepções e das relações de gênero. Caminhos (Goiânia Online). v. 11, p. 201-217, 2003.

ORTIZ, Renato. . As formas elementares da vida religiosa e as Ciências sociais Contemporâneas. Lua Nova, São Paulo, 87: 13-31, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n87/02.pdf>

OLIVEIRA, Marcio O conceito de representações coletivas: uma trajetória da Divisão do trabalho às Formas elementares. Debates do NER, Porto Alegre, ano 13, n. 22 p. 67-94, jul./dez. 2012.

USARSKI, Frank. Os Enganos sobre o Sagrado - Uma Síntese da Crítica ao Ramo Clássica da Fenomenologia e seus Conceitos-Chaves. REVER (PUCSP), São Paulo, v. 4, p. 73-95, 2004.

WEISS, Raquel. Efervescência, dinamogenia e a ontogênese social do sagrado. In: Mana, v. 19, n. 1, abr. 2013b, p. 157-179.

ZANUTIM, Lorraine, As doses da literatura pós-colonial moçambicana: um olhar sobre a linguagem, a representação e o trágico em Venenos de Deus, Remédios do diabo, de Mia Couto 2016. 102 f. Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia - MG.